

REFLEXÕES DA PRÁTICA DOCENTE: O ENSINO REMOTO COM ALUNOS DEFICIENTES NO ENSINO PÚBLICO

Cecilia Maria Lima Silva¹

José Cleilson De Paiva Dos Santos²

Maria Do Socorro Nogueira Oliveira Filha Lima³

Márcia Barbosa De Sousa⁴

RESUMO

A educação Mundial está passando por diversas transformações em virtude da Pandemia do COVID 19, assim o ensino remoto se tornou uma realidade nas escolas públicas brasileiras, fazendo com que os professores e alunos tivessem que se adaptar rapidamente com essa nova proposta de ensino. Neste sentido vários desafios e dilemas surgiram e ainda no cenário educativo fazendo o trabalho docente algo ainda mais desafiador e complexo. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo compreender as contribuições da prática docente para o ensino remoto de alunos com deficiência. O percurso metodológico do trabalho se deu através de uma abordagem qualitativa por meio de uma pesquisa de campo, através de um estudo de caso em duas escolas localizadas no interior do Ceará. Utilizamos um questionário online, elaborado no Google Forms e disponibilizado aos professores das duas escolas. O estudo revelou que as ações desenvolvidas para trabalhar com alunos com deficiência apresentaram certa discrepância, pois, nas análises ficaram notórias a falta de qualificação sobre mídias educativas e a formação em educação especial, sendo os grandes entraves no contexto educacional de aulas remotas.

Palavras-chave: Prática Docente Ensino Remoto Deficiências .

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Engenharia e Desenvolvimento Sustentável, Discente, limacecilia15@yahoo.com.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Engenharia e Desenvolvimento Sustentável, Discente, cleilson.paiva02@yahoo.com.br²

Prefeitura Municipal de Barreira, Secretaria de Educação de Barreira, Discente, msocorrofilha01@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, Docente, marcia_bsousa@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

educação é um dos princípios que norteia os saberes simples aos mais complexos, além de estar ligado a conceito de cidadania, sendo esse, o alicerce da vida social. Com o surgimento da pandemia do covid 19 o ensino escolar passa por uma grande adaptação, o ensino remoto foi a proposta que se tornou realidade nas escolas públicas principalmente no Brasil. Assim, não somente o professor, mas todo o conjunto que compõem o processo educativo tiveram que se adaptar, tornando o processo de ensino e aprendizagem desafiador e complexo.

A educação como em todo lugar será sempre uma inspiração, mas o grande desafio é torna-la acessível e com qualidade, por meio da inclusão que respeite as diferenças culturais, sociais e individuais (SANTOS, 1995), assim, a inclusão de crianças com deficiências apresenta vários desafios e no modelo de ensino remoto se torna uma missão desenvolver um ensino inclusivo por meio de metodologias que garantam o suporte e apoio necessário para estes alunos.

Diante de toda complexidade que existe na prática educativa, compreendemos que o ensino remoto exige que o professor apresente o domínio de determinadas metodologias a fim de obter a essência da prática educativa, diante de tal fato, temos como objetivo compreender as contribuições da prática docente para o ensino remoto de alunos com deficiência nos municípios de Barreira-Ceará e Beberibe-Ceará.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza em um estudo de caso, em duas escolas localizadas no estado do Ceará, uma localizada no município Barreira, identificada como escola A e outra no município de Beberibe, identificada como escola B. Distante uma da outra 76 quilômetros. A escolha das duas escolas se deu devido à necessidade de compreender as múltiplas metodologias utilizadas por professores nas aulas remotas com os alunos com deficiências. O estudo foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa de natureza exploratória que, de acordo com Gil (2009, p.40) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Neste viés, utilizamos a pesquisa de campo que de acordo com Marconi e Lakatos (2015, p. 189) a “pesquisa de campo está voltada para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade”. Assim, a pesquisa de campo nos permite analisar os desafios da educação especial em um contexto complexo de isolamento social e de aulas remotas, e isso foi fundamental, pois possibilitou maior clareza e objetividade do estudo.

Neste estudo, como estratégia de aproximação com a realidade, utilizou-se o questionário. Segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p. 260) “o questionário é uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade, tanto do empreendimento quanto do mercado que o cerca”. 8 professores responderam o questionário, sendo quatro da escola A e quatro da escola B. Para fins de análise, e, visando garantir o anonimato dos participantes, utilizamos a letra “P” para representar os professores, em seguida a letra A ou B para representar a escola e por fim um número para estabelecer ordem, preservando assim a identidade dos informantes. Para tanto, nos guiamos pela Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), que determina normas para as pesquisas em ciências humanas e sociais e assevera o dever ético do pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O instrumento utilizado para a composição desse trabalho foi por meio dos formulários do Google, contendo sete questões, objetivas e subjetivas. As seis questões primeiras buscavam compreender as características específicas de cada professor, como idade, sexo, formação, tempo de docência, já as últimas procuravam compreender as metodologias utilizadas pelos professores em aulas remotas.

Ao Analisar dos dados, observamos que 8 professores responderam ao instrumental de pesquisa, sendo 87,5% professores do sexo feminino e 12,5% do sexo masculino, com idades entre 31 a 52 anos. Com relação a especialização, na escola B, 75% apresentam pelo menos uma especialização, já na escola A, 100% dos professores apresentam pelo menos uma especialização, destes, um possui mestrado em Educação e, com relação ao tempo de serviço, em ambas as escolas apresentou uma variação de 12 a 29 ano de experiência docente.

Quando questionados sobre o que eles compreendiam por ensino remoto no modelo de aula síncrona e assíncrona, 12,5% dos professores falaram que é Ensino de uso emergencial; e 87,5% falaram que no modelo síncrono existe a interação (professor/aluno) e realizações de atividades educacionais em tempo real, já as assíncronas possibilita o aluno acompanhar as aulas em seu tempo e possibilidades. Os resultados aqui expressos demonstram que os professores sabem o que são aulas síncronas e assíncronas, pois as aulas Síncronas e Assíncronas são meios que permitem abranger os alunos em suas diferentes realidades.

Em seguida, questionamos como estava sendo a participação dos alunos com deficiências nas aulas remotas. 50% dos professores informaram que havia pouca participação; 37,5% informaram que a participação é baixa, mas melhora quando há a participação do professor da AEE e ou algum responsável com o aluno; e 12,5% informou que dependendo do aluno existe um esforço considerável, mas as limitações são notórias. Neste sentido, os dados apresentam que a participação dos alunos é insatisfatória, no entanto há uma evolução quando tem um acompanhamento do professor de AEE. Para haver uma evolução na participação, segundo Magalhães (2002) é necessário rever a temática da deficiência no trabalho com a diversidade, pressupondo práticas pedagógicas diferenciadas cabendo ao professor desenvolver um trabalho conforme a realidade dos alunos atendidos.

No que diz respeito quais às metodologias pedagógicas eram empregadas para os alunos com deficiências no modelo de aulas remotas. 25% informaram que o contato deles com os alunos com deficiência é por meio da escola e ou professor de AEE; 25% informaram que utilizam materiais impressos; 50% informaram que utilizam chamadas de vídeos, aplicativo WhatsApp e vídeo aula.

Os dados obtidos demonstram que os professores apresentam uma certa carência de recursos metodológicos. Assim, Mantoan (2003) destaca que a inclusão parte da mudança na perspectiva educacional no reaprender com as nossas ações. É fundamental entender que o ensino remoto apresenta características que dificultam a transposição da aula para alunos deficientes, pois os alunos enfrentam a escassez de recursos digitais em que a aprendizagem ficará comprometida no acesso à educação inclusiva. Corroborando com isto, Cerignomi (2005) aponta ainda que é necessário buscar mudanças nas práticas pedagógicas dos discentes que mais possuem dificuldades.

Em relação a opinião dos docentes sobre como é trabalhar com os alunos com deficiências no modelo de aulas remota, 12,5% informou que por não ter uma formação específica, as aulas ficam complicadas; 37,5% informou que é muito difícil; e 50% informou que o apoio da professora de AEE é essencial. De acordo com Imbernón (2009) há muitos obstáculos na formação de professores, tendo em vista a falta de orçamento para atividades de formação e qualificação, além da falta de formadores e assessores no processo educativo. Assim, torna-se ainda mais difícil para o professor desenvolver metodologias e estratégias que estejam de acordo com as limitações dos alunos e que uma formação quando bem vinculada à proposta de inclusão poderá desenvolver as potencialidades das pessoas com deficiência.



Por fim, solicitamos que os docentes apontassem os principais desafios e perspectivas de se trabalhar com os alunos com deficiências no modelo de ensino remoto. 12,5% informou que a falta de uma formação em educação especial é o entrave; 37,5% apontou a ausência da família no acompanhamento escolar; e 50% apresentou que a ausência de recursos de acessibilidades em aulas remotas.

Percebe-se que os desafios para o ensino remoto com os alunos com deficiências são muitos vastos e complexos, pois cada deficiência requer um trabalho específico, além do sistema público de ensino não oferecer condições adequadas para os professores desenvolverem práticas pedagógicas que estejam adequadas para os alunos com deficiências, tampouco promovem acessibilidade e inclusão destes alunos nas ações educativas. É necessário então que haja formações para os professores da sala regular, pois a inclusão não pode estar apenas no papel, ela deve ser desenvolvida dentro de sala de aula, a partir da prática pedagógica fomentada na adaptação do currículo escolar que é um direito de todos que estão na escola, sejam os alunos deficientes ou aqueles que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem que necessitam também de estratégias na adaptação do currículo.

CONCLUSÕES

Após um breve estudo sobre quais as contribuições da prática docente para o ensino remoto de alunos com deficiência nos municípios de Barreira-Ce e Beberibe-Ce que ocorreu devido a pandemia do corona vírus, concluímos que as ações desenvolvidas para trabalhar com alunos com deficiência apresentaram certa discrepância, pois, nos estudo ficaram notórias a falta de qualificação sobre mídias educativas e a formação em educação especial, sendo os grandes entraves no contexto educacional de aulas remotas.

No entanto, precisamos entender que essa ação deve ser desenvolvida de forma colaborativa, não somente os professores, mas, a coordenação escolar, o professor da AEE, os pais, devem coletivamente elaborar um material individualizado com base na deficiência apresentada pelo aluno, não esquecendo que, o poder público também apresenta esse papel primordial de desenvolver políticas que propicie a inclusão.

Embora tudo tenha ocorrido de forma repentina, deixamos aqui nossa admiração aos educadores, pois mesmo diante da ausência do poder público, desempenham de forma exemplar, um trabalho consistente e efetiva para inserção desses discentes no contexto atual.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AAgradecemos a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), CAPES e as Escolas E.M.E.F Francisca Amélia da Silva e E.M.E.F Pedro de Queiroz Ferreira.

REFERÊNCIAS

- MAGALHÃES, Rita de Cassia Paiva (org). Reflexões sobre as diferenças: uma introdução à educação especial. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- CERIGNONI, Francisco Nuncio. RODRIGUES, Paula Maria. Deficiência: uma questão política?. São Paulo: Paulus, 2005.
- IMBERNÓN, Francisco. A formação docente permanente do professorado novas tendências. 1ed. São Paulo: Cortez, 2009.



MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Inclusão escolar- o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
SANTOS, P. Mônica. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. Disponível:
<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/Paper%20UFF.pdf>

